



JEANNE BARET

a Mulan da ciência

Texto Carolina Fioratti Ilustração Ju Sting
Design Nataša Sayuri Lora Edição Bruno Viana

Em 1766, uma aldeia miserável amarrou os seios, pôs roupas de homem e embarcou disfarçada no primeiro navio francês a dar uma volta ao mundo. Tornou-se uma hábil botâника, foi estuprada pelos marujos e reverenciada como deusa androgina. Esta é sua história.



O NAVIO ZARPOU do litoral francês faz duas semanas. Dos cem homens da tripulação, um se destaca: Jean Baret, assistente do naturalista Philibert Commerson. Nos primeiros dias, ele divide a cabine com seu chefe, mas logo é obrigado a se juntar aos outros criados no convés inferior. Baret nunca se deixa ver fazendo a barba ou indo ao banheiro. Comportamento discreto demais para um espaço tão pequeno – o Étoile tem 33 m de comprimento e 9 m de largura. Corre o boato de que Jean, na verdade, é Jeanne.

Certa noite, alguns marujos resolvem tirar a dúvida: a ideia era chegar à rede em que o suposto homem dormia e arrancar suas calças à força. Mas Baret carrega consigo uma pistola e afasta os marinheiros antes que eles revelem seu segredo. Jean era mesmo Jeanne. E nunca mais teve uma noite de paz.

O começo

Philibert Commerson não era apenas chefe de Jeanne Baret. Era seu amante. Eles se conheceram na Borgonha, interior da França, por volta de 1760. Baret era uma aldeia pobre, filha de campões famintos. A expectativa de vida, entre seus conterrâneos, era de 26 anos. Tornou-se uma herbolária autodidata: formada pela tradição oral, conhecia as propriedades terapêuticas das plantas e preparava medicamentos a partir delas.

Commerson estava na extremidade oposta da sociedade: de família abastada, era formado em Medicina e tinha reputação como naturalista na elite europeia – trocava cartas com o taxonomista sueco Linneu, criador dos nomes científicos

**BARET ERA A
ÚNICA MULHER
NUM NAVIO COM
CEM HOMENS.**

A flor primavera, encontrada e classificada por Baret.

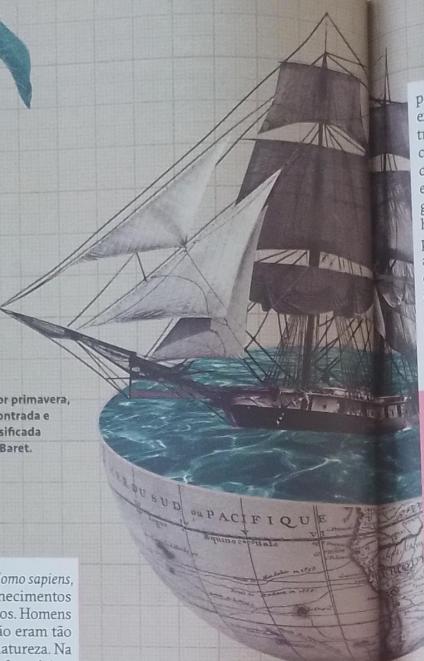
em latim usados até hoje (*Homo sapiens*, *Canis lupus* etc.). Seus conhecimentos eram essencialmente teóricos. Homens liam sobre plantas, mas não eram tão bons em identificá-las na natureza. Na época, médicos, donos de farmácia e até barbeiros – que faziam pequenas cirurgias – dependiam de camponeses nos bastidores para coletar plantas e preparar remédios a partir delas.

Assim, tornou-se comum que caras como Commerson procurassem moças como Baret (às vezes, em segredo) para que elas compartilhassem sua sabedoria centenária. E aí essas mulheres acabavam tendo acesso a uma pontinha da ciência da época, ainda que fossem analfabetas

e proibidas de frequentar universidades. Em 1762, a esposa de Commerson morreu; em 1764, ele tornou Jeanne governanta da casa. O casinjo não era segredo. Ela mudou com o patrão para Paris – onde viveram no que hoje seria um ápice hipster repleto de plantas.

Em 1766, Commerson foi convidado como botânico em uma expedição do navegador Louis Antoine de Bougainville. E convidou Baret para embarcar como sua assistente. Não era qualquer volta no quarteirão: o rei Luís XV incumbiu o militar de realizar a primeira circunavegação do globo em um navio francês, com astrônomos, naturalistas e cartógrafos a bordo. Era uma forma de reparar o orgulho da França, ferido após a derrota recente na Guerra dos Sete Anos, contra a Inglaterra.

O objetivo de expedições desse tipo era encontrar arquipélagos, mapear litórias e estrelas e encontrar novas plantas, animais e minerais. Essas descobertas



podiam render novas especiarias para exportar, bases militares em locais estratégicos ou até métodos novos para calcular coordenadas geográficas e celestes, que facilitavam a cartografia e a navegação entre as colônias dos gigantescos impérios ultramarinos. Os holandeses, por exemplo, mantinham patrulhas em torno das ilhas no sudeste asiático de onde extraíam noz-moscada e cravo-da-índia, para evitar a espionagem por naturalistas estrangeiros.

O segredo

Mulheres eram proibidas por lei de embarcar em navios franceses. Para se

disfarçar, Jeanne amarrou uma faixa sobre os seios e pôs roupas largas, como a heroína Mulan no filme homônimo da Disney. Mas o que veio depois não foi um conto de fadas. Em 15 de novembro de 1766, o La Boudeuse deixou o porto de Nantes, seguido pelo Étoile, em 1º de fevereiro de 1767, do porto de Rochefort. Juntos, caregavam 330 marinheiros.

Para esconder seu segredo, Baret dificilmente saía dos aposentos de Commerson. No Étoile, os barcos logo se espalharam. Ou o botânico era homosexual, ou havia trazido uma mulher para a viagem – e é difícil dizer qual das alternativas renderia um escândalo maior. Logo, Baret foi proibida de dividir o quarto com seu chefe.

O navio tinha zarpado havia poucas semanas e Jeanne dormia no convés quando os marinheiros tentaram inspecionar sua genitalia pela primeira vez. Após ameaçá-los com uma pistola, ela explicou que era um eunuco. Um homem

castrado. Ao longo da história, vários impérios adotaram a prática de decepar pénis e testículos de prisioneiros de guerra ou crianças abandonadas e torná-los criados da corte – servitários que não incomodariam nos haréns palacianos. Por algum tempo, os marujos acreditaram que Baret fora vítima do Império Otomano, e a pouparam. Mas a ameaça de estupro permaneceu no ar.

Duas descobertas

O Étoile fez sua primeira parada sul-americana em Montevideu, no Uruguai. Depois de passar nas Ilhas Malvinas, subiu para o Rio de Janeiro, onde aportou em junho de 1767. No Brasil, o objetivo era reabastecer as embarcações com comida suficiente para mais dez meses de viagem – tempo necessário para dar a volta pela Terra do Fogo e acessar o Oceano Pacífico.

As visitas ao Uruguai e às Malvinas tiveram motivação política e militar, os

Volta ao mundo

Bougainville foi o primeiro navegador francês a completar uma circunavegação. A bordo, levou Baret, a primeira mulher. Use o mapa abaixo para acompanhar a viagem narrada no texto.



botânicos não puderam trabalhar. Commerson e Baret só começaram quando chegaram em terras fluminenses, buscando plantas que pudessem ser úteis para a agricultura ou medicina.

Bougainville proibiu os tripulantes de ir além dos limites da cidade do Rio. Commerson não era capaz de desobedecer à regra: tinha úlceras nas pernas que impediam longas expedições em terra. Sobrou para Baret, que, por estar sempre à disposição do chefe e carregar a parafernálica científica, era chamada de "burro de carga".

Ela coletou e classificou uma flor desconhecida para os europeus, mas familiar a nós: a primavera. O nome científico ficou *Bougainvillea brasiliensis*, em homenagem ao capitão do navio. Commerson apresentou a flor a Bougainville para puxar seu saco, e o tiro saiu pela culatra. Ele comandava a expedição a partir do outro barco e nunca via a tripulação do *Étoile*. Percebeu na hora que Baret era mulher e pôs Commerson em prisão "domiciliar", trancado em sua cabine.

Bougainville, porém, não abandonou a moça no Brasil. A historiadora britânica Glynis Ridley, autora da biografia *O Segredo de Jeanne Baret*, explica que o capitão, além de considerar desumano entregar-lá à prostituição no cais, tinha preocupações práticas. Com Commerson doente, era Jeanne que fazia tudo. Deixá-la no Rio seria equivalente a perder a única pessoa capaz de encontrar novas plantas durante a expedição, coisa que as autoridades francesas cobriam.

As mentiras

Já era janeiro de 1768 quando o *Étoile* e o *La Boudeuse* chegaram ao Pacífico. Navegariam mais três meses até atacarem no Taiti. Não era a primeira vez que europeus pisavam na ilha, mas Bougainville não tinha como saber disso. Uma expedição britânica comandada por Samuel Wallis no HMS *Dolphin* havia desembarcado no arquipélago pouco tempo antes, em junho de 1767.

A visita ao Taiti rendeu a desculpa de que Bougainville precisava para limpar a própria barra por manter uma mulher a bordo. O capitão escreveria mais tarde: logo que Baret e Commerson pisaram na praia, um grupo de indígenas cercou a moça e gritou "É mulher!" – então foi necessário escoltá-la de volta ao navio.

Com a lorota, Bougainville queria indicar que não havia percebido o sexo da viajante até aquele momento – e que então seus homens foram obrigados a salvá-la, como bons cavalheiros.

Esse episódio não aparece nos diários de outros tripulantes. Fora isso, a anotação ocupa a penúltima folha do caderno de Bougainville, em letras espremidas. Por fim, a ordem das páginas deslocou trecho do caderno foi adulterada.

Uma versão mais verossímil do desembarque no Taiti chegou a nós por um ilhéu chamado Aotourou, que se familiarizou com a língua francesa e se uniu à expedição. Ele identificou Jeanne Baret como *mahu*, uma expressão usada pelos taitianos para denominar o que eles entendiam como um terceiro gênero. Em vários arquipélagos do Pacífico, existe até hoje uma tradição de homens que se vestem como mulheres desde pequenos e assumem funções tradicionalmente atribuídas a elas, como preparar alimentos e cuidar de crianças. Os *mahu* são aceitos e importantes nessas culturas; num país ocidental, seriam identificados como transgêneros.

Para os taitianos, Baret era um *mahu* branquelo, solitário e de gênero invertido que chegou pelo oceano – e coisas que vinham do mar eram divinas. Ou seja: é mais provável que a herborária tenha sido objeto de curiosidade (talvez veneziana) que de uma tentativa de agressão.

Quatro meses depois do Taiti, a expedição desembarcou em Nova Irlanda, uma ilha na Papua-Nova Guiné, ao norte da Austrália. Em julho de 1768, um grupo de tripulantes – que, tudo indica, incluía o cirurgião do navio – se juntou para "inspecionar" Jeanne na praia, enquanto ela lavava as roupas no mar. Ela geralmente andava com uma pistola na cintura, mas, nesse dia, não estava com a arma – e foi violentada pelo grupo.

A pena por estupro, na teoria, era enforcamento. Mas Bougainville sabia que,

ao acusar os envolvidos – incluindo um médico – eles se vingariam revelando que ele sabia da mulher escondida no navio e não fez nada. Assim, todos concordaram com um conveniente silêncio. Em seu diário, Bougainville disfarça o incidente dizendo que um tripulante não identificado foi mordido por uma cobra na praia, sofreu convulsões e perdeu a consciência diversas vezes.

Últimos anos

Em novembro de 1768, os navios alcançaram Port Louis, nas Ilhas Maurício, a leste de Madagascar. Nesse ponto, Jeanne estava visivelmente grávida e incapacitada pelo trauma do estupro. Passava boa parte do tempo trancada na cabine, dopada com opioides. Bougainville sabia que ocultar um parto em alto-mar nos seus diários seria arriscado demais – a história real se espalharia.

Commerson ficou muito próximo do botânico Pierre Poivre, que vivia confortavelmente num casarão no arquipélago africano. O chefe da expedição viu a amizade como uma chance para deixar o botânico e sua assistente grávida naquele território, e assim fez. A perspectiva de botanizar nas Ilhas Maurício e também em Madagascar animou Commerson, que não seria tão bem-vindo em Paris: ele se interessava por plantas com valor científico, não necessariamente comercial, como o governo gostaria.

Em uma expedição a Madagascar, Commerson batizou pela primeira vez uma planta em homenagem a Baret: um arbusto de 3 m com folhas escuras e plantas brancas, cujo gênero, na nomenclatura de Linnaeus, passou a ser *Baretia*. Hoje, conhecemos cerca de 50 espécies desse gênero, mas elas acabaram renomeadas. Hoje, as *Baretia* chamam *Turraea*, e nenhuma espécie encontrada na expedição leva o nome da herborária.

Durante sete anos, as Ilhas Maurício foram a casa de Baret e Commerson. Eles nunca se casaram. Ela não criou o bebê do estupro, que ficou com uma família local. Quando Commerson morreu, em 1773, a grana rareou para Jeanne, que era sótia apenas como criada – e não tinha como voltar à França para sacar a herança que o amante lhe deixou no testamento. Ela se casou com um militar chamado Jean Dubernat em 1774 e voltou com ele para a França. Em algum

NENHUMA ESPÉCIE ENCONTRADA NA EXPEDIÇÃO LEVA O NOME DE BARET.

momento entre 1774 e 1775, ao pisar em solo francês com o marido, ela se tornaria a primeira mulher a completar uma volta no globo. Nessa jornada, coletou com Commerson cerca de 6 mil exemplares de plantas. Centenas eram espécies inéditas para os europeus, não se sabe o número exato.

De maneira improvável, Jeanne recebeu uma pensão do governo por sua participação na expedição. De 1785 em diante, a moça teve direito a um montante mensal equivalente ao que um homem receberia por seus feitos na época. Ela foi a primeira mulher de que se tem notícia a ganhar dinheiro do Estado por um trabalho científico.

Jeanne morreu anônima. Não deixou um único registro escrito de suas aventuras, e não sabemos nada de sua aparência. Bougainville se limitou a descrevê-la como "nem bonita, nem feia". A única ilustração da herborária data de 1816, nove anos após sua morte, em um livro italiano. Ela aparece com roupas de marinheira largas e listradas, boina vermelha e um casaco verde-água.

A boina, com certeza, não foi um acessório na vida real: entrou no desenho por ser um símbolo da Revolução Francesa, que ocorreu só em 1789.

A biógrafa Glynis Ridley não sabe o que levou o autor a retratá-la como revolucionária. Nenhum documento dá dicas sobre a participação de Jeanne no rebuliço mais importante do século 18. Talvez ela tenha mesmo pego em armas, mas talvez seja "só" um símbolo sem igual: uma camponesa que desafiou a miséria, o machismo e a lei para conquistar liberdade e igualdade – e não encontrou muita fraternidade entre seus colegas tripulantes. ☀

60 MIL ESPÉCIMES FORAM COLETADOS POR BARET E COMMERSON.

ORÁCULO

→ ILUSTRAÇÕES MARINA PROCHÁZKA DESIGN JULIANA BRANT

430

METROS abaixo do nível do mar. Essa é a altitude nas margens do Mar Morto, o local em terra firme mais baixo do mundo.

COMO SE CALCULA A ALTITUDE DE UM LUGAR?

edgarbfs, via Instagram

COM FITA MÉTRICA, ORAS. BRINCADEIRA: vamos explicar aqui como os altímetros funcionam. Os mais tradicionais são os barométricos. Isso significa que eles deduzem a altitude a partir da pressão atmosférica. Ao nível do mar, o ar é mais denso. Conforme subimos, a atmosfera se torna mais rarefeita – no topo do Everest, mal dá para respirar. O altímetro mede a pressão usando uma bolsinha sanfonada em seu interior. Em um local baixo, a bolsinha se contrai para que o ar lá dentro iguale a densidade do ambiente externo. Em um local alto, acontece o oposto. Conforme a sanfona sobe ou desce, ela move um ponteiro, que indica a altitude em um visor redondo semelhante a um velocímetro. Hoje existem altímetros que usam satélites de GPS (tão bons para medir altitudes quanto para dar distâncias, seu uso mais comum), mas ainda é possível fazer medições precisas com a tecnologia que o naturalista Humboldt usou no século 18. ①



O que é necessário para o português brasileiro e o europeu se tornarem línguas diferentes?

etcheila, via Instagram

UMA HIPÓTETICA SEPARAÇÃO dependeria de dois critérios: a falta de inteligibilidade entre as línguas e a motivação política por trás da cisão. Como nós somos capazes de ler ou assistir a jornais portugueses e não temos picuinhas diplomáticas com nossa ex-metrópole, a chance de que nosso idioma declare independência e passe a se chamar “brasileiro” é baixíssima. Esse risco, inclusive, corre na direção oposta: há muitas iniciativas de integração entre os países lusófonos. Em outros lugares do mundo, línguas são parte importante da autoafirmação de etnias minoritárias. Nesses casos, não importa o quanto a sua língua seja similar à dos vizinhos; o que interessa é a identidade. ②

PÁ PUM

É verdade que caramujos têm muitos dentes?
Gary Caracol, Fenda do Biquini

SIM. São 14 mil na “língua”. Elas funcionam como uma lixa chamada *rídula*. ③

NÚMERO INCRÍVEL

60

VIATURAS foram destruídas gravando as perseguições do musical *The Blues Brothers* (1980). ④

OUTRO DADO RELEVANTE SEM NENHUMA LIGAÇÃO

60%

FOI O AUMENTO NO preço do arroz entre abril de 2020 e abril de 2021. ⑤

Reportagem: Carolina Fioratti, Maria Clara Rossini, Rafael Battaglia. Fontes: ① National Geographic Society; ② Pâmela Rezende Bittar, doutoranda em Filosofia e Linguística Portuguesa pela USP; ③ Livro-texto Biologia de Campbell; ④ Jornal Chicago Sun-Times; ⑤ FGV/BRE; ⑥ Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo; ⑦ Sinta Bellanger, professora do departamento de Morfologia e Genética do Unifesp; ⑧ artigo “An Estimation of the Number of Cells in the Human Body”

EDIÇÃO BRUNO VAIANO



De quem é a “culpa” pelo nascimento de gêmeos – dos genes do homem ou da mulher?
#bycoralmaia, via Instagram

DEPENDE se estamos falando de gêmeos monizgóticos (os idênticos, que têm do mesmo óvulo) ou de gêmeos dizigóticos (os diferentes, que vêm de óvulos fecundados em separado). No caso dos dizigóticos, a responsabilidade genética é da mãe – algumas mulheres têm de fábrica com uma tendência natural a liberar mais de um óvulo no mesmo mês. É claro que os genes por trás dessa característica correm tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Ou seja: se você é homem e tem muitos gêmeos na família, há uma chance de que sua filha herde essa tendência de você. Há outros fatores em jogo, claro. Etnia e idade são variáveis importantes, e técnicas de reprodução assistida aumentam as chances. Já no caso de gêmeos idênticos, a responsabilidade é compartilhada entre o homem e a mulher, mas os geneticistas ainda não sabem ao certo o que acontece nos bastidores moleculares. ⑥

Quanto pesa todo o DNA do meu corpo somado?
#hungryeyes, via Instagram

CONTA INTERESSANTE. Vamos começar com os dados básicos: a estimativa mais recente na literatura científica dá conta de que um corpo humano médio tem 37,2 trilhões de células. Destas, cerca de 70% são glóbulos vermelhos, que não têm material genético – toda a área útil é reservada à proteína hemoglobina, que carrega o oxigênio. Agora, para obter uma estimativa boa o suficiente para a mesa de bar, basta multiplicar os 30% restantes pela massa do conteúdo de DNA de uma única célula, 7,18 picograma. Chegamos a (rufem os tambores) 80 gramas. Isso sim é compactação de arquivo. ⑦



SE CADA MEMBRO DA ORQUESTRA TEM UMA PARTITURA, QUAL É A FUNÇÃO DO MAESTRO?

@iamemisu, via Instagram

ELA EQUIVALE ao diretor de uma peça ou ao técnico de um time. É claro que muito do trabalho está nos bastidores: o regente lidera os ensaios e decide como a peça será interpretada – Beethoven não está aqui para explicar os andamentos e intensidades exatos que imaginou para cada passagem. Isso exige um profundo conhecimento da técnica de cada instrumento e de história da música. Mas a importância do maestro não diminui na hora do show. Seu braço direito, que se move para cima e para baixo, dá o andamento e indica a fórmula do compasso (1, 2, 3 para uma valsa ou 1, 2, 3, 4 no rock, por exemplo). Isso é especialmente importante em composições que aceleram e desaceleram constantemente – não há telepatia que sincronize com músicos sem um líder. A mão esquerda do condutor fica mais livre: pode indicar a entrada de um instrumento, antecipar que uma nota será acentuada ou indicar, por exemplo, se uma passagem é *legato* (sequência de notas fluidas e emendadas) ou *staccato* (notas duras e secas). Além disso, o maestro ouve tudo do ponto de vista da plateia e sabe quando um instrumento precisa, por exemplo, soar mais alto ou mais baixo para se encaixar melhor com o todo – é difícil, para os músicos, ter consciência disso. ☀

Por que a água e o gelo são transparentes, mas a neve é branca?

@rafaela_salloun, via Instagram

A LUZ SOLAR é composta por todas as cores do arco-íris. Os objetos podem absorver ou refletir essas cores. Uma maçã, por exemplo, reflete o vermelho e absorve as outras. O carvão absorve todas as cores e não reflete nenhuma, por isso é preto. Um objeto é branco quando reflete todas as cores sem absorver nenhuma. Finalmente, a luz pode passar direto por um objeto, o que o torna transparente. Um cubo de gelo é quase transparente, mas reflete alguma luz, principalmente nos vértices e arestas – caso contrário, seria impossível vê-lo. A neve, por sua vez, é formada por minúsculos cristais de gelo, os flocos de neve. Nezinhos, são transparentes. Mas elas têm muitos cantinhos irregulares – muitos vértices e arestas que refletem a luz para todos os lados. É por isso que a maçã roça de flocos, vista toda junta, é branca. O mesmo princípio se aplica ao gelo moído usado em alguns drinks, ou a vidro estilhaçado. ☀



PERGUNTE AO ORÁCULO

Escreva para
bruno.vaziano@abril.com.br
mencionando sua cidade e
Estado – ou mande a pergunta
via direct no Instagram.

**Par ou ímpar é
um jogo justo?
Ou alguém sai na
desvantagem?**

*@oliveiramorilolaine,
via Instagram*

É JUSTO. A soma de dois números pares sempre dá um número par ($2 + 2 = 4$). E a soma de dois ímpares também ($3 + 3 = 6$). O único jeito de obter uma soma que dê ímpar é um jogador escolher um número par e o outro, um número ímpar. Com cinco dedos em cada mão, cada jogador pode jogar três números pares ($0, 2 \text{ e } 4$) e três ímpares ($1, 3 \text{ e } 5$). Não importa qual dos números você jogue, sempre haverá 50% de chance de que o número escolhido pelo oponente seja da mesma categoria que o seu – e 50% de que seja da categoria oposta. Assim, o resultado tem chances iguais de ser par ou ímpar. ☀

LISTA
Qual país faz
fronteira com
mais países?

Graças a Kaliningrado, um pedacinho de terra isolado entre Polônia e Lituânia, a Rússia não fica atrás da China no número de fronteiras.

1 CHINA
14 países

2 RÚSSIA
14 países

3 FRANÇA
11 países*

4 BRASIL
10 países

5 R.D. DO CONGO
9 países

6 ALEMANHA
9 países

SÓ ACREDITO VENDO

1



**CRISTIANO
RONALDO**

293 milhões



148,6 milhões



92,1 milhões



1 milhão



176 milhões



88,6 milhões



133,9 milhões



63,6 milhões



83,2 milhões



48,4 milhões



29,1 milhões



40,8 milhões



42,6 milhões



88,5 milhões



108,9 milhões



37,3 milhões



40,6 milhões



102,3 milhões



67,8 milhões



42,6 milhões



10,9 milhões



40,6 milhões



1,8 milhão

5,6 milhões

**2 JUSTIN
BIEBER**

176 milhões



240 milhões



233 milhões



161 milhões



83,7 milhões



76,9 milhões



88,5 milhões



42,6 milhões



108,9 milhões



102,3 milhões



37,3 milhões



40,6 milhões



10,9 milhões



102,3 milhões



37,3 milhões



40,6 milhões



10,9 milhões



102,3 milhões



37,3 milhões



40,6 milhões



10,9 milhões



10,9 milhões

**3 ARIANA
GRANDE**

240 milhões



233 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões



161 milhões

**4 SELENA
GOMEZ**

233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões

**5 TAYLOR
SWIFT**

233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões



233 milhões

**6 KATY
PERRY**

121 milhões



121 milhões



97,1 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões



121 milhões

7 RIHANNA

99,1 milhões



99,1 milhões



99,1 milhões





UM DALTONICO SONHA COM CORES QUE NÃO VÊ?

[@icofreitas](#), via Instagram

Não. O daltonismo é genético e hereditário; as pessoas nascem assim. E os sonhos são colchas de retalhos construídas a partir das nossas memórias e experiências recentes. Sendo assim, um indivíduo daltônico não pode sonhar com algo que seu cérebro nunca processou. Vamos invertêr o raciocínio: pássaros são capazes de enxergar ultravioleta, uma forma de luz que quimiga nossa pele, mas é invisível para nós. Para eles, ultravioleta é uma cor, já os humanos nunca enxergaram essa cor, então são incapazes de sonhar com ela. ☀

PENSANDO BEM...

Filosófos de ontem opinam em assuntos de hoje
por Bruno Vaiano

A democracia é a melhor forma de governo?



PLATÃO
428 a.C. - 348 a.C.

Não. Platão afirma que o povo se deixa levar por aparências e emoções e não vota pensando no que realmente importa em um candidato - competência administrativa, ficha limpa, políticas públicas baseadas em evidências científicas etc. O ateniense, decepcionado com a democracia na cidade-estado, defendia um governo de sábios e acadêmicos.



ARISTÓTELES
384 a.C. - 322 a.C.

Sim. Aristóteles discordava de seu mentor Platão. Para ele, sabedoria não é só enfiar a cara nos livros, mas também ter experiência de vida - uma visão prática e prudente das coisas que só se adquire com o tempo, a frônese. Ao votar, os cidadãos contribuem cada um com seu quinhão de frône - e essa sabedoria coletiva supera a dos sábios sozinhos.



JOHN STUART MILL
1806 - 1873

E a "menos pior". Mill não nega que democracias dão errado às vezes, mas esses são acidentes no julgamento dos eleitores - ninguém vota buscando o próprio mal. Já as aristocracias e monarquias têm, por definição, interesses que vão na contramão do povo que governam. ☀

LOST IN TRANSLATION

Origem Suécia

Fika

"Papo com café."

Na Suécia, a pausa para o *fika* é um estado de espírito. O lanche da tarde é regra nos escritórios e não ocorre na frente do computador.

Quantas vezes um órgão pode ser transplantado?
[leonardoreis13](#), via Instagram

EM GERAL, UMA VEZ SÓ. Há apenas alguns casos raros de órgãos que passaram por três corpos de maneira bem-sucedida. O cirurgião Jeffrey Veale, da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), já deu um terceiro dono a três rins. O principal problema de transplantar um órgão duas ou mais vezes é a reação reforçada do sistema imunológico. Para um transplante ser bem-sucedido, precisa haver algo chamado *histocompatibilidade* entre o doador e o receptor: o órgão precisa dar *match* com as defesas de seu novo dono para não ser rejeitado como um corpo estranho. Em um retransplante, há *histocompatibilidade* de três pessoas em jogo - e aí é quase impossível evitar a rejeição. ☀

Ainda existe alguém que cultua os deuses da Grécia?
[esouza_matheus3](#), via Instagram

SIM. Desde 1997, existe na Grécia o Conselho Supremo de Hellenos Étnicos (YSEE, na sigla em grego), uma organização que pratica o helenismo, a religião politeísta de Zeus, Poseidon e cia. A YSEE costumava atuar de forma clandestina: hoje, 90% dos gregos são cristãos ortodoxos, e até 2017 a Grécia proibia a prática do politeísmo. (Mesmo outras féis monoteístas têm dificuldades por lá: católicos, protestantes e islâmicos passam dor de cabeça para erguer templos.) Hoje, o YSEE está autorizado a realizar casamentos e funerais. Eles têm 2 mil membros e cobram uma taxa anual de €6.00. Erelaxe: não há mais sacrifícios animais. As oferendas aos deuses são mel, frutas, vinho e outras delícias. ☀

MANUAL
por Rafael Battaglia

Como aproveitar restos e sobras de comida?



PLANEJE
Quando fizer comida em um dia, já imagine maneiras de reutilizar os restos nas próximas refeições. O arroz que sobra pode virar bolinho, e um resto de frango pode ser desfiado no arroz. Legumes ficam ótimos em tortas. Não tenha preconceitos: os resultados fazem isso.



FAÇA CALDOS
Sabe o tabletinho de caldo Knorr? Nas cozinhas profissionais, ele é feito do zero. Basta cozinhar lentamente, em fogo baixo, ossos e apars de carne ou talos e cascas de vegetais. Quanto mais água evaporar, mais concentrado o resultado - que pode ser congelado e usado em várias refeições.

LIXO ZERO

Algumas coisas que vão para o lixo podem render improvisos bem gostosos. Ferver casca de abacaxi dá um chá e tanto, cascas de batata e cenoura assadas ou fritas viram chips crocantes e talos de salsa e cebolinha podem servir de "cama" para assados - agregam sabor e evitam que a carne queime em contato com a assadeira.



TUDO VIRA DOCE
Frutas maduras - ou praticamente estragadas - viram ótimas geleias e doces. Mesmo a banana de casca mais preta pode ser salva no fogo com açúcar e llimão. Uma opção criativa é fazer chutneys: compotas indianas agriões e picantes que acompanham carnes e pães.



PARA SABER MAIS

[Alô, Bela Gil](#)

Pão duro pode virar rabanada, pudim ou torradinha para salada e sopa (croûton). Muito duro? Requentar esses restos desfiados na frigideira em vez do micro-ondas deixa a pél crocante e atenua o gosto de frango amanhecido.

Sobras de frango assado podem rechear coxinhas ou sanduiches. Requentar esses restos desfiados no processador. Voilà! farinha de rosca caseira.

A casca dura em volta de queijos como parmesão ou gruyère não é muito mastigável, mas fervê-la com o molho dá um gostinho bacana. E a casca roxa do gouda é comestível - não precisa tirar.

Ervas e temperinhos sobre-selentes podem render uma manteiga ou maionese temperadas e verdes - iguais àquelas de hambúrgueria. Os talos você põe no caldo (leia acima).

Fontes: (1) Sérgio Neuenschwander, professor do Instituto do Cérebro da UFSC; Bruno Caribatto, repórter daltônico da Super; (2) Robinson Poffo, coordenador do Centro de Cirurgia Cardíaca Minimamente Invasiva e Robótica do Hospital Israelita Albert Einstein; (3) YSEE, texto "Greece's old gods are ready for your sacrifice", do Outline; (4) A República de Platão; artigos acadêmicos "Wise Citizens and Other Arguments for the Defense of Democracy in Aristotle's Politics"; "The Benthamite Theory of Democracy".

E SE...

→ REALIDADES PARALELAS

E SE NAPOLEÃO TIVESSE VENCIDO?

MAIS DE 200 ANOS DEPOIS, "napoleônico" ainda é sinônimo de megalômano: aquele que tem delírios de grandeza. Mas o Napoleão original, que, por 15 anos de guerras, fez com que até 6,5 milhões de pessoas perdessem a vida, nos dois lados do front, não era só delírio. Foi um dos indivíduos que de fato mais concentraram o poder de mudar profundamente os rumos da história.

Mas primeiro ele teria que vencer. E, nisso, esqueça Waterloo. Para Napoleão ter dominado a Europa, não adiantaria ser em sua última batalha. Naquele momento, um Napoleão desesperado só lutava para tentar assinar acordos para que seus inimigos o deixassem em paz, ao menos até consolidar novamente seu poder recém-reconquistado.

E esses acordos não viriam. A paz não era opção. A Guerra da Sétima Coalizão, a que termina em Waterloo em 18 de junho de 1815, havia começado no mesmo 13 de março de 1815 em que Napoleão deu um golpe de Estado e reassumiu o poder na França. Reino Unido, Rússia, Áustria e Prússia (parte da futura Alemanha) declararam guerra diretamente a Napoleão – não à França, que julgavam ainda pertencer ao deposto rei Luís 18. Essas forças contavam com mais de três vezes os 280 mil soldados da França.

Para o império napoleônico se estabelecer, a vitória precisaria chegar antes. O momento da derrota de Napoleão, a maioria dos historiadores concorda, foi sua invasão à Rússia, em 1812. Nesse instante, virtualmente a Europa inteira estava em mãos de aliados da França, exceto pela fatia que pertencia ao Império Otomano, nos Bálcãs. A Rússia era tecnicamente um desses aliados, mas se recusou a paralisar o comércio com o Reino Unido. Exatamente como Portugal em 1807, E, como Portugal, foi invadida numa expedição punitiva.

A invasão foi uma catástrofe: os russos simplesmente cederam território destruindo tudo, tornando impossível alimentar as forças invasoras. Mesmo com Moscou tomada, Napoleão foi forçado a se retirar em pleno inverno, para não morrer de fome. Dos 613 mil homens que invadiram a Rússia, só 10 mil saíram.

Suponhamos então que Napoleão e o czar Alexandre Iº tivessem chegado a um novo acordo. O que haveria depois?

Não a paz. Napoleão continuava em guerra contra Portugal e Inglaterra, e sofrendo ataques de guerrilha de rebeldes espanhóis, lutando pelo controle da Península Ibérica. Ao menos no curto prazo, continuaria num empate: o Reino Unido tinha uma Marinha muito mais potente que a francesa, mas nenhuma chance de enfrentá-los por terra.

Haveria assim duas áreas de influência, e uma situação de guerra fria, na Europa. De um lado, a Inglaterra, de outro, a Europa continental, sob a batuta de Napoleão. Nas Américas, uma situação explosiva: os Estados Unidos, em guerra com o Reino Unido entre 1812 e 1815, terminariam aliados da França Napoleônica; o Canadá era parte do Império Britânico, e a América Latina estava quase inteira em conflito, em suas guerras de independência. Exceto

pelo Brasil, que era, desde a chegada da corte portuguesa, fugida de Napoleão em 1808, a sede do Império Português. Dada a parceria entre D. João 6º e a Inglaterra, o Brasil da época seria um aliado ainda mais estratégico dos britânicos do que foi na vida real. Os ingleses, afinal, estariam isolados dentro de seu próprio continente, precisando fazer "amigos" fora de lá para manter seu comércio ativo.

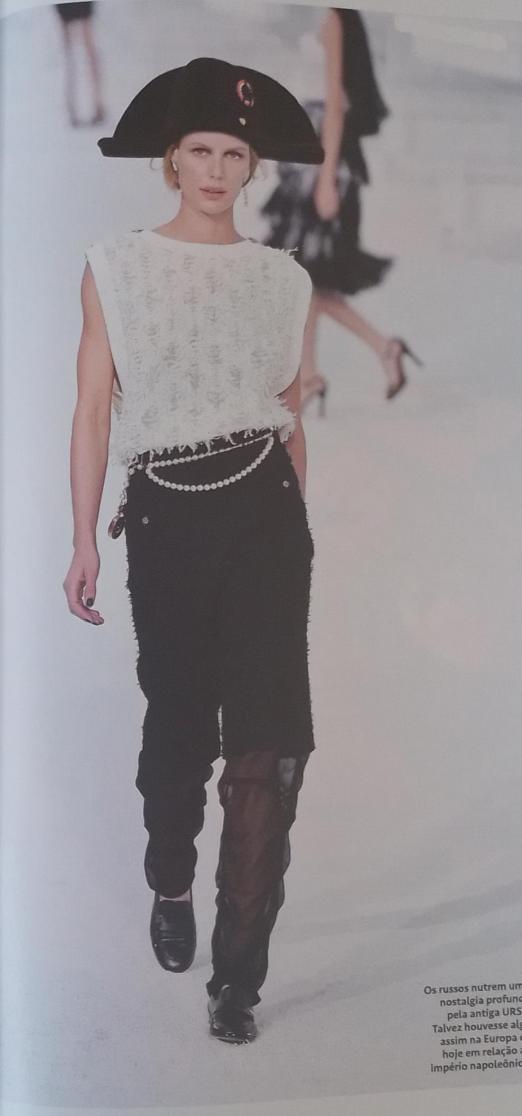
Em volta do Brasil, aliás, só guerra: a independência dos países da América Latina foi feita em meio ao caos do período napoleônico, quando a monarquia da Espanha foi derrubada e o irmão de Napoleão, Joseph, posto no trono local. Se fosse uma independência contra uma Espanha bonapartista consolidada, e com o poder da França intacto nas décadas seguintes, seria uma batalha bem mais sangrenta e de resultados bem menos decisivos a favor da independência (a Espanha só conseguiu manter Cuba e Porto Rico). Poderíamos acabar com um mapa da América Latina cheio de colônias espanholas/francesas versus países independentes aliados aos britânicos mais o Brasil. Todos os inimigos dos EUA.

Mais importante: D. João 6º não voltaria para Portugal (como fez em 1821). Seu país, afinal, se converteria em uma possessão napoleônica. Com o tempo, o pequeno país da Península Ibérica passaria a ter o francês como idioma oficial, e talvez até mudasse de nome.

Como a corte estava por aqui, poderia até rebatizar o Brasil como "Portugal" para oficializar que o Império Jusitano não morreu. Só mudou de lugar. Com D. João e D. Pedro completamente estabelecidos, não teríamos uma independência – pois não haveria mais de quem nos tornarmos independentes. Seríamos portugueses.

A monarquia provavelmente teria

Texto Fábio Marton
e Alexandre Versignassi



continuado até hoje, mas a imagem e semelhança da britânica: constitucional e parlamentarista. E a família Orleans e Bragança, nossa casa real, seria como a dos Windsors: um grupo de celebridades que não mandam em nada, mas inspiram bons seriados e altas focosas. A Europa de hoje provavelmente já seria livre há mais de um século. O passado napoleônico sobreviveria como uma memória afetiva (equivalente à que os russos nutrem com força da URSS). E isso poderia ter reflexos até na moda, como você vê aqui na imagem.

Uma ironia: Napoleão se apresentava como o sucessor da Revolução Francesa, uma força de modernização iluminista contra o absolutismo, que reinava em lugares como Espanha e Portugal. Mas não seria esse o papel que ele ocuparia. Enquanto a Inglaterra foi, por interesse e ideais, uma força contra a escravidão no século 19, proibindo o tráfico de escravos em 1807, Napoleão restaurou a escravidão, abolida pela Revolução Francesa, em 1802.

A economia escravocrata aqui dos trópicos seria um ponto de tensão na nossa aliança com a Inglaterra – ainda mais agudo do que foi na vida real. O tráfico, apesar das restrições britânicas (e a "lei pra inglês ver" que proibiu o tráfico de escravizados no Brasil em 1831), continuou ao longo do século 19, com navios negreiros brasileiros, por vezes apreendidos pelos britânicos, surpreendendo todo o continente.

Nessa realidade em que o Brasil se chamaría Portugal e seria unha e carne com os britânicos, esquece. A abolição teria vindo ainda no início do século 19. Seria uma virada surpreendente.

Nenhum país se industrializou à base de escravidão. Para ter uma indústria, não bastam trabalhadores. Seu país precisa de consumidores. Como, no melhor cenário econômico possível, os consumidores são os trabalhadores, é preciso ter salários e liberdade. E quem se industrializou no século 19 (EUA, nações da Europa Ocidental, Japão) entrou no século 20 com o pé direito, e a cama montada para se tornar país desenvolvido. O Brasil, nessa versão alternativa da história, teria sido um deles. Ops. Brasil, não: Portugal, ora pois. ☺

Os russos nutrem uma nostalgia profunda pela antiga URSS. Talvez houvesse algo assim na Europa de hoje em relação ao império napoleônico.

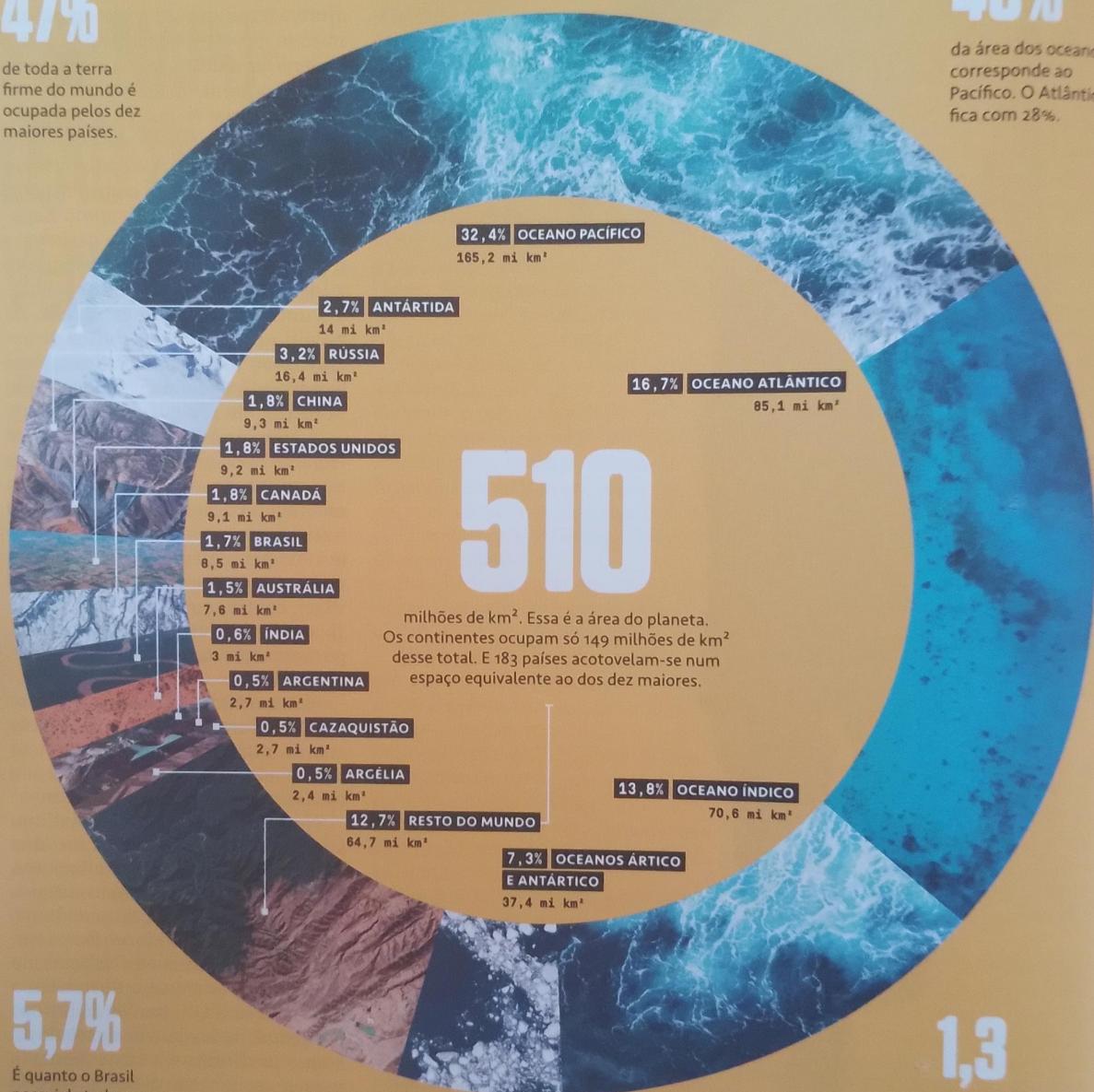
Os latifundiários

47%

de toda a terra firme do mundo é ocupada pelos dez maiores países.

45%

da área dos oceanos corresponde ao Pacífico. O Atlântico fica com 28%.



5,7%

É quanto o Brasil possui de toda a terra firme.

1,3

bilhão de km³ é o volume total de água nos oceanos.